



ENTRE VÍRUS E VERMES, AINDA LITERATURA: REFLEXÕES EXTEMPORÂNEAS A PARTIR DE REPRESENTAÇÕES DE PESTES E EPIDEMIAS NA LITERATURA

BETWEEN THE VIRUS AND THE WORMS, STILL LITERATURE: UNTIMELY REFLECTIONS FROM REPRESENTATIONS OF PLAGUES AND EPIDEMICS IN LITERATURE

**Rafael Guimarães
Tavares Silva***

* gtsilva.rafa@gmail.com
Doutorando em Letras: Estudos Literários (Pos-Lit, FALE, UFMG).
Mestre e bacharel em Letras pela mesma instituição.

Resumo: Partindo de um conjunto variado de obras literárias, unidas principalmente por abordarem o mesmo tema do caos provocado pela instalação de uma peste ou epidemia, sugiro uma série de considerações sobre suas representações, além de algumas reflexões sobre literatura e seu ensino, à luz de nosso presente pandêmico. Para isso, tento extrair dessas narrativas o material básico para propor discussões críticas que conduzam à possibilidade de uma tomada de consciência e de posição perante a realidade por parte das pessoas envolvidas nesse processo. Reflexões sobre isolamento social, conectividade virtual e outros aspectos transversais às muitas situações colocadas aqui em diálogo suscitam a possibilidade de um olhar renovado sobre o jogo entre teoria e crítica da literatura numa prática pedagógica atenta ao presente.

Palavras-chave: Teoria Literária; Literatura Clássica; Literatura Moderna; Ensino de Literatura; Pandemia.

Abstract: Departing from a diverse set of literary works, united mainly by their focus on the chaos caused by the installation of a plague or an epidemic, I suggest a series of considerations about their representations, in addition to some reflections on literature and its teaching, in the light of our pandemic present. For that, I try to extract from these narratives the basic material to propose critical discussions that lead to the possibility of the persons involved in this process developing self-awareness and facing reality. Reflections on social isolation, virtual connectivity and other aspects related to many of the situations put here in dialogue, make it possible to renew the game between theory and criticism of literature in a pedagogical practice of the present.

Keywords: Literary Theory; Classical Literature; Modern Literature; Teaching Literature; Pandemic.

INTRODUÇÃO

Escrevo em fins do ano de 2020. Os últimos tempos têm sido duros. A pandemia de Covid-19 já está declarada há alguns meses e a quantidade de vítimas não para de crescer. Diferentes estratégias de isolamento social foram adotadas em todo o mundo, enquanto se busca uma vacina ou um remédio para a doença, mas a verdade é que parecemos estar em boa parte à mercê da própria sorte, ainda mais no Brasil (com B), e o número de mortes atinge patamares assustadores: no exato momento em que escrevo, mais de um milhão de pessoas em todo o mundo, das quais cerca de 150.000 apenas no Brasil.

Aqui, não consigo evitar a evocação das palavras com que Boccaccio introduz a Peste Negra na abertura do *Decamerão*:

A dizer a verdade, se eu pudesse, honestamente, conduzir vocês àquilo a que desejo, por outro caminho que não fosse árduo, como este o é, eu o teria feito. Entretanto, seja qual for a causa pela qual aconteceram as coisas que adiante se vão ler, essa causa nunca poderá ser demonstrada sem lembrança. E é por isto que me vejo quase coagido pela necessidade a escrever sobre ela.

Digo, pois, que já havíamos chegado ao ano profícuo da Encarnação do Filho de Deus, de mil trezentos e quarenta e oito, quando, na egrégia cidade de Florença, mais bela do que qualquer outra cidade itálica, sobreveio a mortífera pestilência. Por iniciativa dos corpos superiores, ou em consequência das nossas ações iníquas, esta pestilência, lançada sobre os mortais por justa ira de Deus e para nossa expiação, começara nas plagas orientais, alguns anos antes. Essa pestilência privara aquelas plagas de inumerável quantidade de pessoas vivas. Sem tréguas, passara de um lugar a outro; e expandira-se miseravelmente para o Ocidente. (BOCCACCIO, 2002, p. 35-6, trad. Raul de Polillo)

Na sequência, o autor florentino descreve os efeitos devastadores da peste sobre os corpos humanos — onde não raro dores excruciantes precedem a morte do pestífero — e desdobra em seguida considerações acerca de seus efeitos não menos devastadores sobre o corpo social das cidades afetadas: circulam enganos e fraudes, teorias conspiratórias completamente descabidas são passadas para a frente como certezas seguras, os mais básicos valores da civilidade arruinam-se a olhos vistos, as pessoas em quem resta alguma dignidade permanecem estarecidas, enquanto uma famigerada alcateia se abate sobre o que ainda se conserva da civilização.

Não quero exagerar aqui a dimensão potencialmente catastrófica que pode ser compartilhada pela situação descrita por Boccaccio, na peste de 1348, e esta que vivemos hoje, com a pandemia de Covid-19 (sobretudo no Brasil). Esse recurso retórico já foi explorado muitas vezes nos últimos meses por literatos e jornalistas das mais diversas orientações, às vezes com resultados interessantes, embora nem sempre tão relevantes para o debate atual: para além da Peste Negra do *Decamerão*, frequentemente evocaram-se também o início da *Iliada* de Homero, o *Édipo Rei* de Sófocles, a *História da Guerra do Peloponeso* de Tucídides e o poema *Sobre a natureza das coisas* de Lucrecio, isso para ficar apenas nas mais básicas referências da Antiguidade. Dentre as obras modernas, *A peste* de Camus chegou ao topo das listas de mais vendidos em várias partes do mundo. Entre o vírus e os vermes, as pessoas parecem encontrar inúmeros paralelos na literatura de todos os tempos.¹

Essa busca por paralelos entre o presente e o passado constitui uma das formas de se encarar a importância da história para a vida — e aqui não custa enfatizar que, no trecho citado acima, Boccaccio é bem explícito quando destaca que a rememoração e a escrita seriam fundamentais para uma boa compreensão dos fatos —, mas o que me interessa não é enfatizar os aspectos negativos dessa

comparação e sim desdobrar daí ideias construtivas a fim de que o passado nos dê a repensar o presente em vista de um futuro diferente. Guiado por essa ideia, pretendo delinear neste texto uma série de reflexões sobre os desafios e as possibilidades para a literatura e seu ensino em tempos de pandemia a partir do que encontramos em relatos literários sobre situações extremas de pestes e desgraças a fins.

As obras de que pretendo me valer aqui são, além dos títulos da Antiguidade já citados, as seguintes (com seus respectivos anos de publicação original): *O Decamerão*, de Giovanni Boccaccio (1353); *Um diário do ano da peste*, de Daniel Defoe (1722); o conto “A máscara da Morte Vermelha”, de Edgar Allan Poe (1842); o ensaio “O teatro e a peste”, de Antonin Artaud (1938); *A peste*, de Albert Camus (1947); *O amor nos tempos do cólera*, de Gabriel García Márquez (1985); *Peste e cólera*, de Patrick Deville (2012). Obviamente, os títulos são muito díspares e tal disparidade impossibilita um tratamento aprofundado de cada um deles — isto é, elaborado com a devida atenção a seus contextos de produção e recepção, bem como a seus detalhes de composição, a cosmovisão de seus autores etc. Aqui gostaria apenas de recorrer a esse material para refletir criativamente sobre a Literatura e seu ensino em meio a nosso contexto pandêmico, apoiando-me teoricamente em prerrogativas abertas com o comparatismo de

1. Alguns dos textos brasileiros onde os paralelos foram sugeridos são: FERREIRA, 2020; HASEGAWA, 2020; TEIXEIRA, 2020; WOLF, 2020. Seria possível citar muitos outros, ainda mais em línguas estrangeiras de ampla circulação, como o inglês. Um exemplo dos muitos jornalistas que noticiaram a chegada de Camus à lista de “best-sellers” na Europa e no Brasil é: PINTO, 2020.

Wellek (1994a; 1994b), ou mesmo com a imagologia de Pageaux (2011). Nesse sentido, pretendo destacar pontos comuns às várias representações de pestes e epidemias na literatura, propondo a seguinte ordem no desenvolvimento da exposição: 1º) a crise e a reação crítica a ela, 2º) a possível profilaxia por meio do isolamento e 3º) o fato incontornável de que algumas conexões permanecem constantemente abertas, acarretando riscos para todas as pessoas envolvidas. Gostaria, portanto, de trazer para a discussão algumas ideias sobre algumas das diversas formas de viralizar já delineadas pela literatura, mas sem avançar uma interpretação crítica mais específica de qualquer uma das obras literárias aqui evocadas.

CRISE E CRÍTICA

Um elemento comum a todas essas narrativas é a constatação de uma crise profunda relacionada à disseminação da doença. Isso pode parecer uma obviedade, contudo, o que gostaria de destacar é que da perspectiva de cada um dos narradores dos enredos dessas obras, a crise sanitária sempre surge relacionada a outras crises mais profundas: a depender do caso, de ordem moral, religiosa, política, social ou mesmo econômica.

A busca por compreender as causas profundas de um fenômeno aparentemente tão irracional quanto a

disseminação massiva da morte — uma morte ela própria bastante irracional, incapaz de distinguir o que quer que seja — parece estar na base das sugestões que encontramos nessas narrativas. A título de exemplo, tomemos aquele que costuma ser considerado o mais antigo poema da tradição literária ocidental, a *Iliada*.²

Após seu breve proêmio, a narrativa abre-se com a descrição do comportamento cruel do rei Agamêmnon, em seu desrespeito ao que seria esperado dele enquanto liderança política dos exércitos aqueus. Incapaz de abrir mão dos próprios interesses em prol da coletividade, ele recusa-se a aceitar o pedido que o ancião Crises lhe faz em nome da liberdade de sua filha, Criseida (capturada como butim de guerra e tomada por Agamêmnon), vindo a expulsá-lo de modo extremamente ofensivo. Acontece que Crises também é sacerdote de Apolo e clama por justiça junto ao deus, com preces que são rapidamente atendidas:

[Febo Apolo] [d]esceu do Olimpo, com o coração agitado de ira.
Nos ombros trazia o arco e a aljava duplamente coberta;
aos ombros do deus irado as setas chocalhavam
à medida que avançava. E chegou como chega a noite.
Depois sentou-se à distância das naus e disparou uma seta:
terrível foi o som produzido pelo arco de prata.

2. A aparente irracionalidade das consequências da peste representada na *Iliada* causou o espanto de comentadores antigos, como indica Buffière (1973, p. 195-200). Para reflexões sobre o papel da peste na intriga do poema, vale a pena conferir os apontamentos de Malta (2006, p. 85-92).

Primeiro atingiu as mulas e os rápidos cães;
 mas depois disparou as setas contra os homens.
 As piras dos mortos ardiam continuamente.
 Durante nove dias contra o exército voaram os disparos do deus.
 Ao décimo dia, Aquiles convocou a hoste para a assembleia:
 fora isso que lhe colocara no espírito a deusa Hera de alvos braços.
 Pois sentia pena dos Dânaos, porque os via morrer.
 (HOMERO, *Ilíada* 1.44-56, trad. Frederico Lourenço)

Aqui não me interessa tanto explorar o fato de que, inicialmente, mesmo após a convocação da assembleia de guerreiros e a demonstração por parte de alguém dotado do conhecimento reconhecido por todos — isto é, o adivinho Calcas — sobre o que era necessário fazer, Agamêmnon tenha teimado em manter seus posicionamentos irracionais e arrogantes, mas sim destacar uma questão muito mais relevante para meu argumento. Constatada a situação de crise, cumpre agir o mais rápido possível a fim de estabelecer com segurança suas causas e os meios mais eficazes de se lidar com a situação: remediar quando remédio existir, definir estratégias de prevenção, quando a única alternativa for se prevenir.

Silenciosamente, exploro aqui um jogo etimológico bastante produtivo até os dias de hoje, a partir de uma raiz lexical do grego antigo (LIDDELL; SCOTT, 2003).

O verbo *krínō* significa “separar”, “julgar”, “decidir”; dele, são derivadas algumas palavras que nos interessam diretamente aqui: em primeiro lugar, o substantivo *krísis*, isto é, um “momento de decisão”, um “julgamento”, uma “disputa”, um “ponto de virada”; depois, a base em que é necessário se apoiar para a tomada de tal decisão, o substantivo mais concreto *kritérion*, que chega em português na palavra “critério”; finalmente, o adjetivo *kritikós*, usado para se referir ao que se mostra “capaz de julgar”, “crítico”. O que esse jogo etimológico dá a pensar pode ser colocado nos seguintes termos: momentos de crise exigem uma tomada de decisão, uma reconsideração radical sobre os critérios que anteriormente guiavam determinadas ações, levando a uma atitude efetivamente crítica e determinante em face das incertezas do presente, em prol de um futuro diferente.

Todas as narrativas literárias dedicadas a contextos de peste e epidemia sugerem algo dessa ordem. Não é à toa que, no trecho da *Ilíada* citado acima, Aquiles convoque uma assembleia do exército: ciente da necessidade de tomar uma atitude perante a crise, ele resolve abrir um debate amplo acerca da melhor forma de proceder naquela situação. É certo que nem sempre esse mesmo tipo de estratégia será empregado diante da crise, como a ação de Édipo à frente do comando de Tebas na peça

de Sófocles indica bem: adiantando-se a todos os demais, o governante havia buscado se informar sobre as causas da peste por meio de um emissário enviado para consultar o oráculo de Apolo, em Delfos, a fim de conduzir ele próprio toda a ação necessária para reverter os males sofridos por sua cidade. Desgraçadamente, descobrirá que a causa desses males é ninguém menos do que ele próprio.³

Como já sugerido antes, as causas para cada uma dessas pestes e epidemias são concebidas de formas muito variadas segundo cada contexto e não seria proveitoso tentar detalhar isso aqui. O que me interessa é que, tomadas as providências para que essas causas fossem investigadas e estabelecidas da forma mais convincente possível (da perspectiva apresentada por cada uma dessas sociedades, é claro), surgem as definições básicas para os grandes cursos da ação humana. Todo o campo dos dilemas éticos e morais característicos desse tipo de situação crítica encontra suas balizas a partir do que essa sociedade passa a determinar em matéria de diagnósticos e prognósticos. Ou seja, segundo seus próprios critérios epistemológicos para o estabelecimento de condutas a serem seguidas com fins sanitários: essas condutas podem envolver elementos científicos, morais, religiosos etc. Em todo caso, trata-se sempre da estipulação de uma

espécie de deontologia, ou seja, um conjunto de regras sobre como é preciso agir.⁴

Essa questão é fundamental pois todas essas narrativas estipulam a crise sanitária como um momento divisor de águas também entre as pessoas que se alinham com as determinações deontológicas de seu próprio contexto (em termos de tempo e espaço), por oposição àquelas que resistem e que podem chegar ao cúmulo da baixez de se aproveitar do caos momentâneo para desrespeitar inclusive os ditames mais básicos da moralidade de sua sociedade. É o que vemos muito claramente representado na sequência do trecho de Boccaccio mencionado acima, ou naquilo que narra Tucídides sobre a peste em Atenas, por volta de 430 a.C.:

De um modo geral, a peste introduziu na cidade pela primeira vez a anarquia total. Ousava-se com a maior naturalidade e abertamente aquilo que antes só se fazia ocultamente, vendo-se quão rapidamente mudava a sorte, tanto a dos homens ricos subitamente mortos quanto a daqueles que antes nada tinham e num momento se tornavam donos dos bens alheios. Todos resolveram gozar o mais depressa possível todos os prazeres que a existência ainda pudesse proporcionar, e assim satisfaziam os seus caprichos, vendo que suas vidas e riquezas eram efêmeras. Ninguém queria lutar pelo que antes

3. Para detalhes sobre a relação entre a iniciativa de Édipo governante de Tebas (tirano) e a ignorância de Édipo parricida incestuoso (rei legítimo) como elemento estruturador da peça de Sófocles: KNOX, 2002; VERNANT, 2002; SILVA, 2018.

4. Nas palavras que Alexandre Yersin inscreve nos *Annales de l'Institut Pasteur: La peste bubonique, deuxième note*, tal como relatadas no romance histórico de Deville (2012, p. 120, trad. minha): “Essas experiências sobre a seroterapia merecem ser levadas adiante. Se esses resultados obtidos em animais continuarem a se mostrar satisfatórios, será preciso tentar aplicar o mesmo método na prevenção e no tratamento da peste no ser humano.” – Trata-se aqui, nada mais nada menos, do que uma representação do que pode ter sido para o jovem Yersin uma iluminação sobre a necessidade de se estabelecer um plano de vacinação ampla e acessível.

considerava honroso, pois todos duvidavam de que viveriam o bastante para obtê-lo; o prazer do momento, como tudo que levasse a ele, tornou-se digno e conveniente; o temor dos deuses e as leis dos homens já não detinham ninguém, pois vendo que todos estavam morrendo da mesma forma, as pessoas passaram a pensar que impiedade e piedade eram a mesma coisa; além disto, ninguém esperava estar vivo para ser chamado a prestar contas e responder por seus atos; ao contrário, todos acreditavam que o castigo já decretado contra cada um deles e pendente sobre suas cabeças, era pesado demais, e que seria justo, portanto, gozar os prazeres da vida antes de sua consumação. (TUCÍDIDES, *História da Guerra do Peloponeso* 2.53, trad. Mário da Gama Kury)

A perspectiva de Tucídides aqui é tão pessimista que ele não chega sequer a mencionar quem tenha de fato vivido os dilemas morais característicos desse tipo de período: segundo sua narrativa, os atenienses entregam-se unilateralmente à anarquia total, com a esperança apenas de extrair do momento o máximo possível de prazer e vantagem pessoal. Lucrécio (6.1272-86) e Artaud (1964, p. 33-5) sugerem reflexões muito próximas disso também. Entretanto, a meu ver, uma representação verossímil da perspectiva da vivência histórica mais recente talvez devesse levar em conta — para além das grandes tragédias vividas por cada pessoa e por todas — os pequenos

dramas morais com os quais já temos agora alguma familiaridade: convidar alguém para nos visitar? E se essa pessoa aparecer doente poucos dias depois, apresentar uma forma particularmente grave da doença e correr risco de vida? E se ela ou alguma pessoa próxima dela morrer devido a tal contágio? Pequenos dilemas cotidianos. Como se vê com esse exemplo banal, extraído de nossa realidade pandêmica, precisamos responder por nossas próprias ações, sem dúvida, mas fazer isso levando sempre em conta o fato de que estão inseridas num contexto muito maior e que cada pequena decisão pode ter consequências profundas sobre as vidas de outras pessoas. Assim sendo, como agir perante as incertezas do momento?

A meu ver, uma descrição fidedigna do que vivemos em situações críticas de epidemias na Modernidade é a que oferece o narrador do romance já mencionado de Camus. Refletindo sobre a pequenez dos dilemas cotidianos, a dificuldade de tolerar por muito tempo as recomendações deontológicas estabelecidas socialmente e muitos outros detalhes de uma existência atravessada pelo tédio e pela impotência, tais palavras descrevem bem o tipo de heroísmo sem heróis que parece emergir nesse tipo de situação:

Em todo caso, era esse tipo de evidência ou de apreensões que mantinha, em nossos concidadãos, o sentimento de seu exílio e sua separação. A esse respeito, o narrador sabe perfeitamente quão lamentável é não poder relatar aqui algo que seja verdadeiramente espetacular como, por exemplo, algum herói altruísta ou alguma ação brilhante, semelhantes aos que se encontram nas velhas histórias. É que nada é menos espetacular do que um flagelo e, por sua própria duração, as grandes desgraças são monótonas. Na lembrança dos que as viveram, os dias terríveis da peste não surgem como grandes chamas intermináveis e cruéis e sim como um interminável tropel que tudo esmaga à sua passagem. (CAMUS, 1947, p. 165-6, trad. minha)

Obviamente, mesmo nessa chave desencantada, a exigência de uma tomada de decisão no presente — segundo o jogo etimológico sugerido acima a partir das noções de crise, critério e crítica — continua a se impor e acredito ser fundamental ressaltar isso. Não defendo que as pessoas expostas ao tipo de situação extrema representada nas obras lidas aqui precisem necessariamente abdicar de toda a vida pessoal e seguir cegamente o conjunto de regras estabelecido por sua sociedade. A bem da verdade, isso poderia se revelar não apenas muito penoso e até intolerável para alguns (de uma perspectiva pessoal), mas também profundamente arriscado em termos de suas possíveis implicações sociais e morais: é necessário

manter o posicionamento crítico sempre alerta pois cada um continua respondendo pelas próprias ações e não convém buscar um refúgio simples nas decisões da maioria, como se esse critério bastasse para garantir o acerto de um dado posicionamento. A maioria pode cometer erros e esses erros podem ser gravíssimos (como a conduta mantida por cristãos em várias regiões da Europa perante grupos de judeus durante períodos de peste e outros tipos de crise indica muito bem).⁵

Em todo caso, para todos fica a pergunta: como agir perante as incertezas do momento? Cabe a cada pessoa decidir sobre suas próprias ações, de preferência após refletir sobre algumas das variáveis em jogo.

ISOLAMENTO

O isolamento constitui a estratégia mais bem-sucedida até agora na contenção da pandemia que nos tem afligido. Enquanto aguardamos a invenção e a fabricação de algo mais efetivo para a erradicação desse mal — como a tão ansiada vacina, por exemplo —, a recomendação é a de que tentemos evitar ao máximo o contato com outras pessoas, sobretudo com aquelas que não habitam conosco, sendo desnecessário dizer que lugares com aglomerações podem representar riscos sanitários enormes,

5. A questão é discutida em diversos momentos, com base em documentos da época, por Kelly (2011), em seu estudo sobre a peste negra.

como os casos de contaminação em templos religiosos mostraram (MONTERO, 2020).

A ideia básica por trás dessa recomendação, que causa ainda mais tristeza devido às evidências científicas de que ela continua a ser a mais eficaz na contenção do contágio, fundamenta-se no pressuposto de que *o Outro* seja um possível portador do Mal. Mal que pode significar a morte da pessoa com quem tenha contato e de quem mais vier a se relacionar com pessoas contaminadas por ele, numa infinita cadeia de transferência viral. Desde as reflexões de Marcel Mauss, retomadas por Jacques Derrida, sabemos muito bem que toda alteridade é sempre possível portadora de riscos para as pretensões do próprio — e vice-versa —, segundo uma lógica do *gift-Gift*: entrar em contato com o outro é abrir-se à possibilidade de que ele nos ofereça uma dádiva (*gift*, em inglês, é “presente”), mas, simultaneamente também, de que nos exponha a um risco terrível (*Gift*, em alemão, do mesmo radical, é “veneno”). Essa lógica básica é característica das relações humanas e foi estudada para sociedades e contextos bastante diversos, como indicam os trabalhos de Mauss (2013), sobre a dádiva, ou as reflexões de Benveniste (1969, p. 87-101), sobre o *xénos* do grego antigo e o *hostis* do latim (com seus desdobramentos sobre o profundamente ambíguo *hôte* do francês, remetendo

tanto ao “anfitrião” quanto ao “hóspede”, dentro de uma rede lexical neolatina complexa que inclui ainda as noções de “hostil” e “hospitaleiro” em português).⁶ Derrida retoma tudo isso para desdobrar algumas questões importantes acerca do comportamento humano diante das ambiguidades implicadas por essa relação com a alteridade, sempre tão arriscada quanto promissora: algumas de suas mais belas páginas giram em torno das questões da dádiva e da hospitalidade, naquilo que têm de mais aporético e que, por isso mesmo, mais exige uma tomada de decisão (DERRIDA, 1991; 1997).

Esses estudos são contribuições importantíssimas para tentarmos compreender a situação em que nos encontramos. Em primeiro lugar, cumpre deixar claro desde já que a ideia de que as outras pessoas sejam possíveis portadoras de males constitui um dos elementos básicos do aprendizado de toda criança e está presente em estórias tão diversas quanto a da maçã envenenada da Branca-de-Neve e o cavalo de Troia. Somos ensinados desde cedo a desconfiar de estranhos. A particularidade de uma situação como a nossa — onde reina o temor de que as outras pessoas, quaisquer outras pessoas, sejam transmissoras de um vírus com potencial mortal — encontra-se principalmente no fato de que se enfatiza o elemento *Gift* [veneno], em detrimento do que possa

6. Segundo Benveniste, em seu *Vocabulário das instituições indoeuropeias* (1969, p. 94), a *xenia* indicaria relações entre homens ligados por um pacto envolvendo obrigações precisas que se estenderiam também a seus descendentes. Essa instituição, colocada sob a proteção de Zeus *Xenios*, comportaria uma troca de dons entre os contratantes, declarando sua intenção de ligar seus descendentes por esse pacto: a instituição seria usual tanto entre reis quanto entre cidadãos privados. Nesse sentido, *xénos* pode ser entendido a um só tempo como “estrangeiro”, “anfitrião” e “hóspede”. Algo análogo é sugerido pelo estudioso sobre a noção latina de *hostis*.

haver aí de *gift* [dádiva]. Ou seja, os riscos implicados pelo estabelecimento de contato físico com alguém parecem muito mais elevados do que os benefícios que possam advir dele. E isso não se restringe apenas a uma questão de saúde pessoal, mas, na linha do que já sugeri anteriormente, também em termos de responsabilidade social. Enquanto não tivermos uma solução coletiva de fato eficaz, caberá a cada um o difícil cálculo sobre como proceder em seus contatos físicos com a alteridade, não sendo de se desconsiderar nesse cálculo uma série de outros aspectos fundamentais além dos mais estritamente sanitários, como questões econômicas e de saúde mental, por exemplo.

Em todo caso, a estratégia de isolamento social não é exatamente nova e já a encontramos empregada pelos personagens de Boccaccio: no *Decamerão*, a partir da proposição de Pampineia, o conjunto de sete moças e três rapazes, na companhia de alguns servos, retira-se para uma propriedade afastada de Florença, onde busca proteção contra a Peste Negra e seus diversos efeitos nocivos. O que gostaria de sugerir rapidamente aqui, contudo, diz respeito às decisões tomadas por essa companhia de jovens sobre a melhor forma de se ocupar durante o período em que estiverem isolados. Depois de determinar um conjunto de regras visando a boa ordem e o melhor

proveito daquele tempo e daquele espaço de partilha, Pampineia propõe o seguinte:

Como vocês veem, o sol vai alto e o calor é intenso; não se ouve outra coisa além das cigarras trepadas nas oliveiras. Assim, seria, sem dúvida, tolice ir a gente agora, a algum lugar. É gostoso ficar aqui, à sombra. Aí estão, como veem, tabuleiro de xadrez; cada qual pode divertir-se de acordo com aquilo que mais prazer lhe dá ao espírito. Contudo, se nisto se pretendesse seguir o meu modo de pensar, passaríamos esta parte quente do dia fazendo narrativas. Não se jogaria, porque, no jogo, o ânimo de uma das partes é constrangido a perturbar-se, sem grande prazer para a outra parte nem de quem se fica a assistir. Narrar-se-iam episódios (o que pode proporcionar deleite a todo o grupo que escuta enquanto um fala). Antes de cada um de nós completar a própria narrativa, o sol já terá declinado e o calor diminuído. E então poderemos ir em busca de entretenimento onde melhor nos parecer. Por isto, se lhes agrada, façamos o que digo (pois, de qualquer maneira, estou disposta a seguir a preferência que vocês manifestarem); e, se não lhes agrada, cada qual que faça o que mais lhe der prazer — até ao cair da noite. (BOCCACCIO, 2002, p. 49, trad. Raul de Polillo)

Há jogos à disposição, há muitas outras formas de passar o tempo, mas Pampineia sugere aquela que orientará

7. Para uma reflexão sobre a estrutura do romance, à luz de reflexões narratológicas, sugiro a leitura do estudo de Todorov (1982).

as interações e as relações de troca entre os jovens no período em que estiverem em isolamento, segundo a lógica que estruturará o desenrolar do próprio *Decamerão*:⁷ com dez narrativas por dia e dez dias de intensa convivência com a fabulação, o romance indica uma das melhores formas para se pensar e organizar proveitosamente o período de isolamento social. Obviamente, seria preciso aqui fazer todas as ressalvas quanto às limitações socioeconômicas desse tipo de consideração — afinal, penso num público de estudantes, a princípio dispensados da necessidade de trabalhar com outras ocupações que não a própria educação e com acesso às ferramentas necessárias para isso — pois nem todos os habitantes da Florença de 1348 teriam a possibilidade de fazer a opção adotada pelos jovens do romance de Boccaccio (a bem da verdade, a minoria disporia das condições para isso). A exclusão social não é prerrogativa de nossas sociedades modernas capitalistas e, embora possa ter se tornado cada vez mais ampla e cruel com a industrialização e a concentração do capital, constitui um triste elemento de todas as narrativas sobre pestes e epidemias mencionadas aqui. O acesso às melhores estratégias de preservação da vida, bem como aos melhores expedientes para continuar a promover o crescimento pessoal (mesmo em circunstâncias calamitosas), infelizmente parecem ter sido sempre apanágio de uma elite minoritária.

Dentre as pessoas com as condições básicas necessárias para fazer opção análoga àquela contida na sugestão de Pampineia, contudo, creio que também não haveria uma maioria disposta a se dedicar ao tipo de passatempos sugeridos por ela. Lamentavelmente, testemunhamos nas últimas décadas um aprofundamento de uma tendência que já se instaura com a própria instituição moderna da Literatura (ORDINE, 2016): diante da busca de uma utilidade imediata para tudo, diferentes justificativas para o estudo da Literatura foram propostas — indo de argumentos humanistas a outros nacionalistas, de propostas estéticas a outras pedagógicas —, embora a falência dos vários projetos modernos para a humanidade (LYOTARD, 1988, p. 124) tenha levado a uma profunda desilusão acerca dessas tentativas de defender o papel da Literatura na atualidade. Incapaz de promover o aperfeiçoamento moral que os humanistas imaginaram, pouco competente para o ensino científico do que quer que seja — nem mesmo da língua, campo que passa a ser prerrogativa de linguistas e profissionais de outras especialidades —, a Literatura passa a ser encarada com cada vez mais desconfiança por nossas sociedades: perdida até a sua hegemonia em termos de lazer socialmente difundido, diante do avanço das séries e outros atrativos tecnológicos, a Literatura parece se manter na educação um

pouco por inércia, como se constituísse uma espécie de fósil da pedagogia de outros tempos (BARBOSA, 2017).

Obviamente, contraponho-me a essa visão e acredito no potencial pedagógico da Literatura. Na linha do que é sugerido no trecho de Boccaccio citado acima, defendo que ler, discutir, estudar e escrever narrativas literárias pode constituir uma forma importantíssima de aprender com prazer, na melhor tradição clássica do *placere et docere* [agradar e ensinar]. Desdobro essas ideias num texto que pretendo publicar em breve, “Pra que literatura? Reflexões básicas sobre o letramento literário”, apoiando-me nas propostas pedagógicas já consolidadas por estudiosos engajados com a educação literária no Brasil, como Rildo Cosson (2006) e Nabil Araújo (2010; 2014).

Seja como for, a Literatura pode ter seu potencial como fonte de aprendizado e deleite desenvolvido e até potencializado nesse período de isolamento social, a depender das condições de vida e acesso a certos recursos (dentre os quais incluo livros, mas também, é claro, recursos tecnológicos). Como já pude comentar anteriormente, a situação de caos social vivida hoje — e análoga, em alguns sentidos, àquelas que se encontram representadas em obras literárias ambientadas em períodos de pestes e epidemias — é ainda mais cruel quando se leva em conta

a questão da desigualdade de condições e acesso entre estudantes. Embora seja possível pensar em estratégias que se proponham a levar o poder (trans)formador da literatura às pessoas mais excluídas e marginalizadas de nosso injusto sistema social, esse tipo de empreendimento precisa enfrentar todo tipo de dificuldade material e só tem alguma chance de sucesso na medida em que a arte realmente venha a se revelar capaz de conectar.

A escolha de obras com temas que já suscitem ou que possam vir a suscitar o interesse das pessoas envolvidas na discussão talvez desempenhe um papel determinante para a introdução bem-sucedida da literatura em suas vidas. A partir daí, tão insuspeitadamente quanto ocorre no conto de Edgar Allan Poe, “A máscara da Morte Vermelha”, a presença de uma figura já desbotada, quase desacreditada, talvez se insinue entre aqueles que pareciam querer ignorá-la e instale subitamente um império sem limites sobre todas as coisas.

É possível acreditar nisso? É possível acreditar que Florentino Ariza e Fermina Daza, em *O amor nos tempos de cólera*, tenham passado o resto de seus dias navegando à jusante do rio Magdalena e, depois, de volta à sua montante, a bordo de um navio com a bandeira amarela do cólera sempre hasteada, anunciando para todo o mundo

que a peste estava passando? Não sei se é possível. Mas é preciso acreditar.

CONEXÕES

As narrativas sobre pestes e epidemias, mesmo quando escritas antes da descoberta científica de bactérias e vírus, demonstram uma clara consciência sobre questões relativas a contato e transmissão. Baseado na experiência prática desse tipo de situação, Tucídides (2.51) escreve um relato — depois retomado por Lucrécio (6.1235-7) e muitos outros autores antigos⁸ — onde mostra bastante clareza sobre os riscos de contágio implicados pelo contato com doentes; riscos ainda mais cruéis quando se leva em conta a necessidade que esses mesmos doentes têm de cuidados para sobreviver aos momentos mais críticos da infecção. Aqui ainda, a lógica ambígua do *gift-Gift*.

Gostaria, contudo, de explorar um outro aspecto da ideia de “transmissão”, segundo uma sugestão contida em algumas dessas narrativas. O surgimento e a disseminação de doenças que acabam por se alastrar de forma tão ampla quanto a peste na Atenas Clássica e a Peste Negra na Idade Média — para não falar da Gripe Espanhola em 1918 — estão intimamente relacionados com o desenvolvimento de uma malha de conexões que permitem todo tipo de troca entre povos de regiões muito distintas de

forma (relativamente) rápida. Onde acontece o intercâmbio de mercadorias, intercambiam-se culturas, línguas, experiências e informações, com enriquecimento para todos os envolvidos. Contudo, intercambiam-se também microrganismos. *Gift-gift*. Faces diversas de um mesmo processo de transmissão.

Que se leve em conta o encadeamento de todos esses elementos — ainda que sub-repticiamente —, no que fica aludido sobre o papel desempenhado pela Holanda no início da narrativa de *Um diário do ano da peste*, de Daniel Defoe:

Foi por volta do início de setembro de 1664, que eu, entre os demais vizinhos, ouvi num discurso comum que a peste tinha voltado novamente à Holanda; porque tinha sido muito violenta ali, e particularmente em Amsterdam e Rotterdam, no ano de 1663, aonde dizem que foi trazida, segundo alguns, da Itália, segundo outros, do Levante, entre os bens aportados por sua frota turca; outros disseram que foi trazida de Cândia; outros, de Chipre. Não importava de onde vinha; mas todos concordavam que tinha voltado à Holanda.

Não tínhamos jornais impressos naquela época para espalhar boatos e relatos de coisas, e para aperfeiçoá-los pela invenção dos homens, como vivi para ver praticado desde então. Mas

8. Para ficar em alguns: Virgílio, *Geórgicas* 3.478-566; Ovídio, *Metamorfoses* 7.523-613; Sêneca, *Édipo* 110-201; Tito Lívio, *Desde a Fundação da Cidade* 25.26.

tais coisas foram recolhidas das cartas de mercadores e outros que se correspondiam no exterior, e deles era transmitido apenas oralmente; de modo que as coisas não se espalharam instantaneamente por toda a nação, como agora. (DEFOE, 1990, p. 1, trad. minha)

Transmissão de informações, riquezas, culturas, mas também da própria peste. Os topônimos mencionados aí não aparecem casualmente, como aliás, em nenhuma das outras narrativas aqui mencionadas.⁹ Há uma relação profunda entre o desenvolvimento das vias de comércio, trocas linguísticas e culturais, e a abertura de vias para a troca de microrganismos, com toda a violência que cada um desses processos pode implicar. Aqui, obviamente, tenho em vista alguns momentos do processo de colonização que a Europa empreendeu ao redor de todo o mundo a partir da Modernidade, cujos resultados desastrosos são visíveis ainda hoje.

Em todo caso, o narrador desse relato histórico-ficcional de Defoe manifesta certo espanto com a revolução representada por jornais impressos em termos de transmissão de informações. Que diria ele da revolução representada pela *Internet*? Difícil imaginar. Sinceramente, nem mesmo nós próprios temos lá muita ideia do lugar para onde estamos caminhando com isso tudo: EaD,

AVAs, ERE, siglas que fazem parte de nosso cotidiano atualmente e cuja frequência acaba provocando um certo efeito de naturalização da realidade virtual como forma de contato entre pessoas fisicamente afastadas. Como se tudo isso não fosse tão absurdo quanto revolucionário. Absurdo porque definitivamente não somos capazes de compreender o tipo de transformação que estamos desencadeando em termos de sociedade, pensamento e ensino. Tudo parece estar mudando e mudando de forma muito veloz: nossas mentes e nossos corpos, nossos tempos e nossos espaços. Concomitantemente, tudo isso tem uma inegável dimensão revolucionária. Ainda precisaremos aprender a resolver alguns dos problemas já mencionados, referentes às exclusões e desigualdades de acesso, por exemplo. Contudo, nem mesmo os mais desconfiados críticos da sociedade contemporânea podem negar que estamos vivendo um momento decisivo de nossa história. O que advirá disso não sabemos e manter uma dose de pessimismo pode ser saudável para evitar certas armadilhas do discurso fácil do progresso.

A Educação à Distância (EaD) já desfruta de reflexões críticas importantes sobre seus potenciais e suas limitações segundo os diferentes contextos, principalmente no que diz respeito ao ensino superior, em países desenvolvidos, como o Canadá (GUILLEMET, 2007), ou

9. Sobre a forma como Defoe manipula os dados históricos em sua narrativa para construir diferentes sentidos, considero sugestivas as reflexões de Rambuss (1989, p. 116-120).

naqueles em desenvolvimento, como o Brasil (OLIVEIRA, 2003). As diferenças entre cada contexto têm implicações importantes e o otimismo que às vezes se demonstra com o potencial pedagógico dos Ambientes Virtuais de Aprendizagem (AVAs), por exemplo, a meu ver, precisaria vir nuançado não apenas por considerações de caráter social sobre as condições de acesso aos meios tecnológicos, mas também por aquelas de ordem psicológica sobre as implicações de uma virtualização de boa parte da experiência humana: se é certo que a realidade virtual oferece possibilidades de vivências muito distantes da realidade mais imediata de seus usuários (PAIVA, 2010), por outro lado, há fatores que podem obstaculizar de forma determinante o aproveitamento efetivo dessas vivências em forma de aprendizado.¹⁰

Um primeiro passo fundamental para propiciar a superação desse tipo de obstáculos consistiria em oferecer a todas as pessoas envolvidas no processo pedagógico aquilo que tem sido chamado de letramento digital. Segundo a sugestão de estudiosos interessados em maximizar o potencial educativo de certas ferramentas tecnológicas, minimizando seus riscos, é preciso oferecer urgentemente uma educação sobre as especificidades do ambiente digital, por meio de informações básicas sobre navegação, obtenção de referências seguras, estratégias de proteção e

segurança etc. (COSCARELLI; RIBEIRO, 2005). A realidade do mundo digital na vida de boa parte das pessoas já é um fato incontornável e o papel dos educadores é suscitar a melhor preparação possível para que estudantes se tornem pessoas capazes de lidar com os desafios e as oportunidades dessa nova situação. Nesse sentido, mesmo em regiões onde o acesso à *Internet* e a equipamentos tecnológicos não é tão facilitado quanto nas regiões urbanas mais desenvolvidas, o letramento digital parece constituir um aspecto fundamental da educação de quem passa pela escola e se torna um cidadão do mundo.

A realidade virtual também contém seus riscos e é possível dizer que, se o Ensino Remoto Emergencial (ERE), por um lado, garante uma relativa proteção contra a transmissão da Covid-19 ao se adaptar às normas de isolamento social, por outro, acaba obrigando pessoas sem muita experiência com a *Internet* a se expor a situações onde ficam ainda mais vulneráveis a golpes e armadilhas. Na lógica do que tenho tratado aqui — ao falar das várias formas de transmissão (riquezas, informações e microrganismos) —, o letramento digital deve ensinar as melhores estratégias para que se evitem também outros tipos de vírus: programas mal-intencionados e códigos maliciosos, como *malwares*, *spam*, *fishing* etc.¹¹ Similarmente, devem ser elaboradas discussões sobre a questão das *fake*

10. Na linha do que afirma o estudo de Patrick Guillemet (mencionado acima): “A tele-universidade [isto é, a EaD no ensino superior] deve prontamente reconhecer seus limites: assim, é preciso admitir que não reduziu significativamente as barreiras para a universidade e que, se ela até pode ter bastante sucesso em superar a distância geográfica, é muito mais difícil para ela se opor a barreiras psicossociológicas.” (GUILLEMET, 2007, p. 67, trad. minha).

11. Para mais detalhes: *Cartilha de Segurança para Internet*, 2012.

news, que, embora não constituam nenhuma novidade na história do jogo político, adquiriram uma importância capital com o avanço da *Internet* por meio dos *Smartphones* (que oferecem aos usuários acesso imediato à rede durante a maior parte de seu dia), principalmente devido à frequência com que alguns dos aplicativos de mensagens instantâneas e redes sociais são empregados.¹²

Como se vê, entre ERE e EaD, há muitos desafios. O que restará dessa experiência é algo que apenas o futuro dirá. Os sistemas educacionais do Brasil e do mundo viram-se obrigados a assumir emergencialmente estratégias para garantir a manutenção de alguma forma de ensino — respeitando, é claro, as normas de isolamento social — e isso tem sido levado adiante com graus bem variáveis de sucesso, além de suscitar difíceis dilemas em termos institucionais, profissionais, jurídicos e econômicos. As primeiras reflexões em torno ao tema começam a ser propostas no calor da hora (FLORES; ARNT, 2020; RABELO, 2020), mas uma compreensão mais clara disso tudo só poderá ser construída *a posteriori*, com muito trabalho de análise e mobilização em torno ao tema.

RESOLUÇÕES

O momento é crítico. Há muitos desafios para quem se dedica à literatura e seu ensino durante a pandemia

de Covid-19: além das desigualdades socioeconômicas entre estudantes e suas eventuais dificuldades de acesso à *Internet*, é preciso lidar com o problema generalizado que muitos deles apresentam com a leitura (ainda mais com a leitura literária), bem como com a dificuldade de acesso a livros, o desprestígio da área etc. Por outro lado, como espero ter sugerido, acredito que existam também excelentes oportunidades para desenvolver um trabalho significativo por meio da literatura nas redes. Como parte da população está isolada em casa, experimentando uma situação única em suas vidas, é possível tentar despertar algumas dessas pessoas para as oportunidades oferecidas pela literatura em termos de prazer e aprendizado: ao longo deste texto sugeri obras que, embora historicamente afastadas de nosso presente, podem suscitar elementos para uma aproximação da experiência que estamos vivendo hoje. Essa é uma estratégia possível para promover certa sensibilização à experiência literária, embora existam outras. Muitas outras. Várias delas, inclusive, ainda por descobrir.

Espero que essa pandemia passe logo. Não sei ao certo como será depois dela, mas sempre podemos especular.¹³ Teremos enfrentado muitas dificuldades, sem dúvida, e espero que possamos reconhecer um dia termos dado nosso melhor para superá-las. Seguramente, nossas

12. Para um material de referência básico sobre o assunto: MELLO, 2020.

13. Uma excelente especulação é aquela que propõe Boaventura de Sousa Santos (2020), sobre a universidade “pós-pandêmica”.

condições de vida e trabalho estarão mais complicadas do que antes. Precisaremos de uma mobilização constante das categorias ligadas à educação, reivindicando condições mínimas de trabalho, maiores investimentos na área, programas para a ampliação de seu reconhecimento social, manutenção de direitos conquistados, além de devermos estar dispostos aos esforços necessários a uma difícil adaptação aos novos tempos e suas exigências.

Superada a pandemia, gostaria que minhas reflexões deixassem uma lembrança — por mais ínfima que fosse — da crença profunda que sinto nas pessoas, de um amor incansável pelas palavras e pelas ações, de um desejo infinito de promover a transformação por meio do conhecimento. Desejo tudo isso, entretanto, sem que parem de ecoar também as palavras com que Camus encaminha a conclusão de seu romance, acertadamente intitulado *A peste*:

Na verdade, ouvindo os gritos de alegria que subiam da cidade, Rieux lembrava-se de que essa alegria estava sempre ameaçada. Pois ele sabia o que essa multidão eufórica ignorava e que se pode ler nos livros: o bacilo da peste nunca morre nem desaparece, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, aguarda pacientemente nos quartos, nos porões, nos baús, nos lençóis e na papelada. E sabia ainda que talvez viria o dia em que, para desgraça e ensinamento dos

homens, a peste acordaria seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz. (CAMUS, 1947, p. 279, trad. minha)

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Nabil. **Do conhecimento literário**: ensaio de epistemologia interna dos estudos literários (Crítica e Poética). 2006. 579f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2006. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ALDR-6REJ7N/do_conhecimento_liter_rio.pdf?sequence=1>. Acesso em: 06 ago. 2020.

ARAÚJO, Nabil (Org.). **Diante da lei**: uma experiência em Teoria da Literatura. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2010. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/vivavoz/data1/arquivos/diantedalei-site.pdf>>. Acesso em 02 out. 2020.

ARAÚJO, Nabil. Entre “educação estética” e “estudos culturais”: a problemática pedagogia literária, do programa Schilleriano aos PCNs. **Remate de males**, v. 34, n. 2 (2014), p. 397-420.

ARTAUD, Antonin. Le théâtre et la peste. In : ARTAUD, Antonin. **Le théâtre et son double**. Paris : Gallimard, 1964, p. 21-48.

BARBOSA, Alberto Hércules dos Santos Coelho. O ensino de literatura e o uso de recursos tecnológicos no Ensino Médio. **Educação Pública**, 08 ago. 2017. Disponível em: <<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/17/15/o-ensino-de-literatura-e-o-uso-de-recursos-tecnologicos-no-ensino-mdio>>. Acesso em 02 out. 2020.

BENVENISTE, Emile. **Le Vocabulaire des institutions indo-européennes**. 1. Économie, parenté, société. Paris : Les Éditions de Minuit, 1969.

BOCCACCIO, Giovanni. **O Decamerão**. Tradução de Raul de Polillo. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2002.

BUFFIÈRE, Félix. **Les Mythes d'Homère et la Pensée Grecque**. Paris : Belles Lettres, 1973.

CAMUS, Albert. **La peste**. Paris : Gallimard, 1947.

Cartilha de Segurança para Internet. Versão 4.0. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 2012.

COSCARELLI, Carla Viana; RIBEIRO, Ana Elise. **Letramento digital: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas**. 2. ed. Belo Horizonte: Ceale/FAE-UFMG, Autêntica, 2007.

COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática**. São Paulo: Contexto, 2006.

DEFOE, Daniel **A Journal of the Plague Year**. Oxford; New York: Oxford University Press, 1969.

DERRIDA, Jacques. **Donner le temps**. 1. La fausse monnaie. Paris : Éditions Galilée, 1991.

DERRIDA, Jacques. **De l'hospitalité**. Paris : Calmann-Lévy, 1997.

DEVILLE, Patrick. **Peste & Choléra**. Paris : Éditions du Seuil, 2012.

FERREIRA, Márcio Mauá Chaves. A peste em Tucídides e dois antecedentes poéticos. **Estadão**, 09 jun. 2020. Disponível em: <<https://estadodaarte.estadao.com.br/peste-tucidides-antecedentes-marcio-maua/>>. Acesso em 02 out. 2020.

FLORES, Natália; ARNT, Ana. Ensino Remoto Emergencial: não é só sobre acesso e equipamentos... Site da Internet: **Blogs Unicamp: Covid-19**. 30 abril de 2020. Disponível em: <<https://www.blogs.unicamp.br/covid-19/ensino-remoto-emergencial-nao-e-so-sobre-acesso-e-equipamentos/>>. Acesso em: 02 out. 2020.

GARCÍA MARQUES, Gabriel. **O amor nos tempos do cólera**. Trad. Antonio Callado. 42. ed. Rio de Janeiro: Record, 2014.

GUILLEMET, Patrick. **Former à distance**: La Télé-université et l'accès à l'enseignement supérieur 1972-2006. Québec : Presses de l'Université du Québec, 2007.

HASEGAWA, Alexandre Pinheiro. A Peste no **De rerum natura** (6.1138-286) de Lucrécio. **Estadão**, 23 abr. 2020. Disponível em: <<https://estadodaarte.estadao.com.br/a-pestede-rerum-natura-lucrecio/>>. Acesso em: 02 out. 2020.

HOMERO. **Ilíada**. Tradução e prefácio de Frederico Lourenço – São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2013.

KELLY, John. **A Grande Mortandade**: Uma história íntima da Peste Negra, a pandemia mais devastadora de todos os tempos. Trad. Caetano Waldrigues Galindo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

KNOX, Bernard. **Édipo em Tebas**. Trad. Margarida Goldsztyrn. São Paulo: Perspectiva, 2002.

LIDDELL, Henry George G.; SCOTT, Robert. **A Greek-English Lexicon**. Oxford: Clarendon Press, 2003.

LYOTARD, Jean-François. **Le Postmoderne expliqué aux enfants**. Paris : Éditions Galilée, 1988.

MALTA, André. **A Selvagem Perdição**: Erro e ruína na **Ilíada**. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva**: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

MELLO, Patrícia Campos. **A máquina do ódio**: Notas de uma repórter sobre **fake news** e violência digital. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

MONTERO, Mónica. Quando o vírus é uma questão de fé. **El País**, 10 jun. 2020. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2020/05/29/eps/1590753016_340384.html>. Acesso em: 02 out. 2020.

OLIVEIRA, Elsa Guimarães. **Educação à distância na transição paradigmática**. Campinas: Papirus, 2003.

ORDINE, Nuccio. **A utilidade do inútil**: um manifesto. Trad. Luiz Carlos Bombassaro. 1. ed. Rio de Janeiro : Zahar, 2016.

PAGEAUX, Daniel-Henri. Elementos para uma teoria literária: imagologia, imaginário, polissistema. Trad. de Katia A. F. de Camargo. In: _____. **Musas na encruzilhada**: ensaios de literatura comparada. Frederico Westphalen(RS); São Paulo; Santa Maria(RS): EdURI; Hucitec; EdUFSM, 2011, p. 109-27.

PAIVA, Vera Menezes de O. Ambientes virtuais de aprendizagem: implicações epistemológicas. **Educação em Revista** (2010), vol.26, n. 3, p. 353-370.

PINTO, Manuel da Costa. 'A Peste', de Albert Camus, é metáfora para epidemias e opressões. **Folha de São Paulo**, 27 mar. 2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/a-pestes-de-albert-camus-e-metafora-para-epidemias-e-opressoes.shtml>>. Acesso em 02 out. 2020.

POE, Edgar Allan. The Masque of the Red Death. In: POE, Edgar Allan. **Collected Works of Edgar Allan Poe**. San Diego: Canterbury Classics, 2009, p. 210-4.

RABELO, Maria Eduarda. Lições do coronavírus: ensino remoto emergencial não é EAD. Site da Internet: **Desafios da Educação**. 2 de abril de 2020. Disponível em: <<https://desafiosdaeducacao.grupoa.com.br/coronavirus-ensino-remoto/>>. Acesso em: 02 out. 2020.

RAMBUSS, Richard. "A complicated distress": Narrativizing the plague in Defoe's **A Journal of the Plague Year**. **Prose Studies**, 12(2), 1989, p. 115-131.

SANTOS, Boaventura Sousa. A universidade pós-pandêmica. **Outras palavras**, 02 jul. 2020. Disponível em: <<https://outraspalavras.net/alemdamercadoria/boaventura-a-universidade-pos-pandemica/>>. Acesso em 02 out. 2020.

SILVA, Rafael. As duplicidades do **Édipo Rei** de Sófocles. **Códex**, vol. 6, n. 1 (2018), p. 127-45.

SÓFOCLES. Édipo rei. Trad. Trajano Vieira. São Paulo: Perspectiva, 2001.

TEIXEIRA, Jerônimo. As grandes epidemias retratadas pela literatura. **Época**, 20 mar. 2020. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/cultura/as-grandes-epidemias-retratadas-pela-literatura-24316268>>. Acesso em 02 out. 2020.

TODOROV, Tzvetan. **A gramática do Decameron**. Trad. Eni Orlandi. São Paulo: Perspectiva, 1982.

TUCÍDIDES. **História da Guerra do Peloponeso**. Introdução, tradução e notas de Mário da Gama Kury. Brasília: UnB, 1982.

VERNANT, Jean-Pierre. Ambiguidade e reviravolta. Sobre a estrutura enigmática de **Édipo-Rei**. Trad. F. Y. Hirata. In: VERNANT, Jean-Pierre; VIDAL-NAQUET, Pierre. **Mito e tragédia na Grécia Antiga**. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 73-99.

WELLEK, René. A crise da literatura comparada. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco (Org.). **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994a, p. 108-119.

WELLEK, René. O nome e a natureza da literatura comparada. In: COUTINHO, Eduardo F.; CARVALHAL, Tania Franco (Org.). **Literatura comparada: textos fundadores**. Rio de Janeiro: Rocco, 1994b, p. 120-148.

WOLF, Eduardo. As lições dos grandes mestres para atravessar tempos difíceis de pandemia. **Veja**, 27 mar. 2020. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/cultura/as-licoes-dos-grandes-mestres-para-atravesar-tempos-dificeis-de-pandemia/>>. Acesso em 02 out. 2020.

Recebido em: 05/10/2020.

Aceito em: 08/03/2021.